

Mundo da Vida e Contextos Educativos: implicações Epistemológicas e Hermenêuticas

Lifeworld and Educational Contexts:
epistemological and Hermeneutic Implications

Sandro Roberto de Santana Gomes

Universidade Federal de Alagoas, Maceió, Alagoas, Brasil

Francisco Rodrigues Macedo

Universidade Federal de Alagoas, Maceió, Alagoas, Brasil

Resumo

Este artigo propõe um diálogo entre os pensamentos de Jürgen Habermas e Edmund Husserl, dois filósofos que se interessaram pela epistemologia e pela hermenêutica. Nosso objetivo é mostrar as contribuições da fenomenologia de Husserl, que busca descrever a essência das coisas a partir das experiências dos sujeitos, e da teoria da ação comunicativa de Habermas, que afirma que a comunicação é essencial para a construção do mundo social e para a convivência. Também examinaremos a crítica de Habermas à hermenêutica de Hans-Georg Gadamer, que valoriza a compreensão e a tradição, e defende que a teoria crítica deve ser crítica em relação à tradição, questionando-a e reavaliando-a sempre. Procuraremos, assim, mostrar as possibilidades e os desafios éticos que surgem no mundo da vida a partir das perspectivas epistemológicas e hermenêuticas.

Palavras-chave: educação; fenomenologia; axiologia; epistemologia.

Abstract

This article proposes a dialogue between the thoughts of Jürgen Habermas and Edmund Husserl, two philosophers who were interested in epistemology and hermeneutics. Our aim is to show the contributions of Husserl's phenomenology, which seeks to describe the essence of things from the experiences of subjects, and Habermas' theory of communicative action, which affirms that communication is essential for the construction of the social world and for coexistence. We will also examine Habermas' critique of Hans-Georg Gadamer's hermeneutics, which values understanding and tradition, and argues that critical theory must be critical of tradition, questioning it and reassessing it constantly. Thus, we will seek to show the possibilities and ethical challenges that arise in the lifeworld from epistemological and hermeneutical perspectives.

Keyword: education; phenomenology; axiology; epistemology.

Informações do artigo

Submetido em 01/10/2025

Aprovado em 17/10/2025

Publicado em 15/10/2025



<https://doi.org/10.25247/P1982-999X.2025.v25n3.p127-146>



Esta obra está licenciada sob uma licença
Creative Commons CC BY 4.0

Como ser citado (modelo ABNT)

GOMES, Sandro Roberto de Santana; MACEDO, Francisco Rodrigues. Mundo da Vida e Contextos Educativos: implicações Epistemológicas e Hermenêuticas. *Ágora Filosófica*, Recife, v. 25, n. 3, p. 127-146, set./dez. 2025.

1 INTRODUÇÃO

Nossa proposta neste artigo é apresentar uma discussão analítica das interfaces entre epistemologia, hermenêutica e ética, tomando como eixo articulador o conceito de “mundo da vida” nos contextos educativos. Abordaremos, ainda, as implicações no processo de sistematização no âmbito educacional a partir de um diálogo sensível e rigoroso entre as contribuições filosóficas de Jürgen Habermas e Edmund Husserl, com o objetivo de iluminar como a fenomenologia e a teoria da ação comunicativa oferecem aportes relevantes para a reflexão sobre as práticas educativas contemporâneas.

Ao enfatizar a importância da intersubjetividade e da comunicação autêntica, buscamos ressaltar não apenas a dimensão crítica e reflexiva da educação, mas também o seu papel transformador na vida dos sujeitos. Ao longo do texto, são exploradas as potencialidades e desafios inerentes a essas abordagens, evidenciando a necessidade de uma postura ética, aberta ao diálogo e comprometida com o questionamento permanente das tradições.

Reconhecemos que a construção de uma sociedade democrática demanda mais do que estruturas e normas: exige a valorização do reconhecimento mútuo, da escuta e da compreensão recíproca, para que cada sujeito se sinta participante ativo do processo educativo. Assim, este estudo pretende contribuir para o debate sobre a educação em valores e os processos comunicativos, destacando a relevância de integrar diferentes perspectivas filosóficas na busca contínua por práticas pedagógicas mais justas, críticas, acolhedoras e transformadoras, que coloquem no centro a experiência e o desenvolvimento humano.

A tarefa discursiva por compreender os fundamentos da educação através das reflexões epistemológicas e hermenêuticas oferece um terreno fértil para o desenvolvimento de práticas educativas mais críticas e reflexivas. O filósofo alemão Jürgen Habermas, com suas contribuições significativas para a teoria crítica e a teoria da comunicação, apresenta desafios e possibilidades que enriquecem o debate sobre a construção de uma sociedade democrática. Sua teoria da ação comunicativa destaca a importância do diálogo e do consenso racional, elementos essenciais para um processo educativo que visa promover valores e reconhecimento mútuo.

Nesse contexto, a fenomenologia de Edmund Husserl (1927-1935), com sua abordagem rigorosa sobre a descrição das experiências vividas, fornece um contraponto metodológico que complementa a perspectiva de Habermas (1996).

A intersubjetividade, um conceito central na fenomenologia husserliana, é também uma peça-chave na teoria comunicativa de Habermas, evidenciando a necessidade de uma comunicação autêntica e ética para a construção de uma sociedade fundamentada no entendimento e na cooperação.

Os desafios e limites da teoria crítica habermasiana aplicados à educação revelam-se na constante necessidade de questionar e reavaliar as tradições, buscando sempre um desenvolvimento que favoreça uma sociedade democrática. A crítica de Habermas à hermenêutica de Hans-Georg Gadamer salienta a importância de uma abordagem intersubjetiva na interpretação, contrapondo-se à visão mais subjetiva de Gadamer. Assim, destaca-se a necessidade de uma constante revisão e análise crítica das tradições para garantir que a educação se mantenha relevante e promotora de valores democráticos.

Além disso, a educação em valores e processos comunicativos, conforme proposto por Husserl e Habermas, oferece uma perspectiva rica para o desenvolvimento de práticas educativas que valorizem o reconhecimento e a compreensão mútua. A comunicação, como desafio ao processo educativo, torna-se um elemento vital para a construção de uma educação que promova o diálogo, a crítica e o desenvolvimento integral dos indivíduos, preparando-os para atuar de maneira ética e responsável na sociedade.

Neste artigo, exploraremos esses caminhos epistemológicos e hermenêuticos, destacando as contribuições da teoria crítica de Habermas para a educação, os desafios na construção de uma sociedade democrática, e a importância do reconhecimento e da hermenêutica no processo educativo. Nosso objetivo é proporcionar uma reflexão profunda sobre a educação em valores e os processos comunicativos, evidenciando como a comunicação pode ser um desafio e uma oportunidade para o processo educativo contemporâneo, contribuindo assim para a formação de indivíduos críticos e conscientes de seu papel na sociedade.

2 CAMINHOS EPISTEMOLÓGICOS E HERMENÊUTICOS: APROXIMAÇÕES INTERPRETATIVAS

A busca pelo conhecimento e suas possíveis interpretações nos projetam por veredas desafiantes que possibilitam novos olhares sobre o pensamento humano. Desta forma, buscaremos construir pontos dialógicas entre o pensamento de Jürgen Habermas, filósofo alemão conhecido por suas contribuições para a teoria crítica e para a teoria da comunicação e Edmund Husserl, considerado o pai do pensamento fenomenológico, Habermas também se inspirou na fenomenologia de Edmund Husserl e em sua abordagem da intersubjetividade para desenvolver sua teoria da ação comunicativa.

Neste diálogo entre esses dois pensadores destacamos, inicialmente, o a metodologia fenomenológica que busca descrever a essência das coisas a partir da análise das experiências vividas pelos sujeitos. Husserl desejou a ideia de que a consciência é intencional, ou seja, que toda a nossa experiência é dirigida a algum objeto no mundo. Para Husserl, a fenomenologia deve ser uma abordagem rigorosa e sistemática para descrever as experiências vividas pelos sujeitos.

A fenomenologia rejeita todo renascimento filosófico; enquanto filosofia autoexame mais originário e universal, ela está direcionada a conceitos, problemas e intelecções adquiridos por ela própria, e ainda se vale das inspirações dos grandes do passado, cujas intuições prévias ela confirma, mas que transfere para o solo da pesquisa concreta em que pode pôr as mãos e concluir. Ela exige dos fenomenólogo que renunciem ao ideal de uma filosofia própria a eles e vivam, mesmo assim, como trabalhadores mais modestos em comunidade com outros em prol de uma filosofia *parennis* (Husserl, 2022, p. 9).

Habermas, por sua vez, inspirou-se na fenomenologia de Husserl para desenvolver sua teoria da ação comunicativa. Para Habermas, a comunicação é uma atividade fundamental para a construção do mundo social e para a vida em sociedade. Ele argumenta que a linguagem é a ferramenta que usamos para nos comunicarmos uns com os outros e que essa comunicação é baseada em pressupostos de validade que são estabelecidos pelos participantes da comunicação. Neste aspecto, destacamos o conceito de hermenêutica para auxiliar no aprofundamento de nossa temática.

Hermenêutica se refere a uma "capacidade" (*Vermögen*) que adquirimos à medida que aprendemos a "dominar" uma linguagem natural: à arte de compreender um sentido linguisticamente comunicável e, no caso de comunicações perturbadas, torná-lo inteligível. Compreensão do sentido se orienta para o conteúdo semântico do discurso, mas também para as significações fixadas por escrito ou em sistemas de símbolos não-linguísticos, na medida em que eles, em princípio, podem ser "recolhidos" (*eingeholt*) em discursos. Não é por acaso que falamos da arte de compreender e de tornar inteligível, porque a capacidade de interpretação, de que dispõe todo falante, pode ser estilizada e mesmo desenvolvida como uma habilidade técnica (*Kunstfertigkeit*). Esta arte (ou técnica) se relaciona simetricamente com a arte de convencer (*Überzeugung*) e persuadir (*Überredung*) em situações em que são trazidas para decisão questões práticas (Habermas, 1987, p. 26).

Outros autores entram neste diálogo e contribuem com a construção epistemológica, destacamos a crítica de Jürgen Habermas à hermenêutica de Hans-Georg Gadamer que tem sido um importante ponto de partida para muitas discussões sobre a natureza da interpretação e da compreensão na filosofia contemporânea. Neste artigo, vamos examinar a crítica de Habermas e as contribuições da hermenêutica para a filosofia.

A crítica de Habermas a Gadamer tem sua origem na sua preocupação com a relação entre a hermenêutica e a teoria crítica. Habermas acredita que a teoria crítica deve manter-se crítica em relação à tradição, questionando-a e reavaliando-a constantemente. Para Habermas, a hermenêutica de Gadamer, ao enfatizar a compreensão e a tradição, não é crítica o suficiente, pois não questiona o fundo da tradição.

Habermas também argumenta que a hermenêutica de Gadamer é muito subjetiva, pois coloca o intérprete como o único agente da interpretação. Segundo Habermas, a interpretação deve ser vista como uma atividade intersubjetiva, em que há uma troca de perspectivas e uma busca por um consenso racional.

Por outro lado, a hermenêutica de Gadamer também tem importantes contribuições para a filosofia. Ela enfatiza a importância do diálogo na interpretação, bem como a ideia de que a interpretação é um processo histórico e culturalmente situado. Além disso, a hermenêutica de Gadamer oferece uma

crítica aos orçamentos da filosofia moderna, especialmente a ideia de que a razão pode ter um acesso direto à verdade.

A arte do compreender e do tornar inteligível, a hermenêutica filosófica deve a experiência característica de que os meios de uma linguagem natural em princípio são suficientes para esclarecer o sentido de quaisquer contextos simbólicos, por mais estranhos e inacessíveis que possam ser num primeiro momento. Nós podemos traduzir de qualquer língua para qualquer língua (ou linguagem). Podemos relacionar as objetivações da época mais afastada e da cultura mais distanciada com o contexto familiar, isto é, pré-compreendido, daquilo que nos cerca, de maneira compreensível (Habermas, 1987, p. 40).

Assim, é importante aceitar tanto quanto restrito como as contribuições da hermenêutica de Gadamer, e buscar uma abordagem crítica que mantenha um equilíbrio entre a compreensão e a crítica da tradição. Isso pode ser alcançado por meio de uma teoria crítica que valoriza a troca intersubjetiva e a busca pelo consenso racional, mas sem perder de vista a importância da tradição e do contexto histórico na interpretação.

Nas dificuldades de compreensão que resultam de uma grande distância cultural, temporal ou social, nós podemos em princípio indicar de que informações adicionais precisaríamos dispor para compreender sabemos que precisamos decifrar um alfabeto, aprender o léxico ou deduzir regras de aplicações específicas do contexto. Dentro do limite de tolerância da usual comunicação em linguagem corrente, nós podemos saber, na tentativa de esclarecer hermeneuticamente contextos de sentido incompreensíveis, o que nós (ainda) não sabemos. Esta consciência hermenêutica se mostra como insuficiente no caso da comunicação sistematicamente distorcida: a incompreensibilidade não resulta aqui de uma organização defeituosa do próprio discurso. Perturbações linguísticas claramente patológicas, como por exemplo as que ocorrem com psicóticos, podem ser negligenciadas pela hermenêutica, sem ser ferida a autocompreensão (Habermas, 1987, p. 41).

Assim, Habermas usa uma fenomenologia para argumentar que a comunicação é uma atividade intersubjetiva que envolve uma partilha de significados e valores. Ele argumenta que a compreensão mútua e o entendimento compartilhado são essenciais para a construção de uma sociedade justa e democrática. Por essa razão, Habermas se baseia na fenomenologia de Husserl para desenvolver sua teoria da ação comunicativa, que enfatiza a importância da comunicação para a vida em sociedade.

3 A TEORIA CRÍTICA DE HABERMAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO

O campo educacional nos desafia a construir processos epistemológicos que favoreçam a aprendizagem. Neste sentido, o aprender assume uma dimensão primordial. A relevância e a centralidade do ensino devem estar a serviço da aprendizagem. Desta forma, o esforço dos teóricos e da teoria crítica de Jürgen Habermas, mesmo não apresentando um estudo sistemático na área de pedagogia, e sim uma abordagem filosófica que tem como objetivo analisar e criticar a sociedade moderna, buscando soluções para os problemas sociais e políticos, nos possibilita uma aproximação teórica no campo educacional. Habermas propõe que a linguagem é a base da comunicação e da interação humana, e que a ação comunicativa é fundamental para o desenvolvimento de uma sociedade democrática e justa.

No campo da educação, a teoria crítica de Habermas tem contribuições. Uma de suas principais ideias é que a educação deve ser vista como um processo de emancipação, em que os indivíduos são capacitados para pensar de forma crítica e autônoma, a fim de participar ativamente na construção da sociedade.

A eficácia peculiar desta ideologia reside em dissociar a autocompreensão da sociedade do sistema de referência da ação comunicativa e dos conceitos de interação simbolicamente mediada, e em substituí-lo por um modelo científico. Em igual medida, a autocompreensão culturalmente determinada de um mundo social de vida é substituída pela autocoisificação dos homens, sob as categorias da ação racional dirigida a fins e do comportamento adaptativo (Habermas, 1994, p. 74).

Podemos inferir a partir de Habermas (1994), que a educação deve promover o princípio do Discurso e a argumentação crítica, permitindo que os alunos desenvolvam suas habilidades cognitivas e se tornem capazes de questionar as normas e valores sociais que muitas vezes são impostos de forma autoritária. Além disso, a educação deve estimular a criatividade e a capacidade de solucionar problemas, permitindo que os indivíduos encontrem soluções para os desafios que enfrentam na sociedade.

Outra implicação da teoria crítica de Habermas para a educação é a ideia de que a escola deve ser um espaço democrático e inclusivo, em que todas as vozes sejam ouvidas e respeitadas. Isso implica em garantir a igualdade de oportunidades para todos os estudantes, independentemente de sua origem social, econômica ou cultural. Além disso, a escola deve ser um lugar onde os alunos possam desenvolver sua identidade e autonomia, permitindo que sejam agentes ativos na construção da sociedade.

Diante disso, a teoria crítica de Habermas (1994) apresenta importantes contribuições para a educação, defendendo a ideia de que a escola deve ser um espaço democrático, inclusivo e emancipatório, que promove o diálogo crítico e a reflexão sobre a sociedade. Isso pode contribuir para formar cidadãos conscientes e críticos, capazes de participar ativamente na construção de uma sociedade mais justa e democrática.

3.1 Habermas e a Educação: Desafios e Limites na Construção de uma Sociedade Democrática

A relação entre a filosofia de Jürgen Habermas e a educação é marcada pela busca de uma sociedade mais justa e igualitária, onde o diálogo e a participação seguem pilares fundamentais. Nesse contexto, Habermas destaca-se como um importante pensador contemporâneo, cujas ideias influenciam o campo educacional. No entanto, a aplicação de seus conceitos enfrenta desafios e limites, que serão explorados ao longo deste texto.

A importância da comunicação e do discurso na teoria habermasiana, enfatiza a necessidade de uma comunicação autônoma e livre de distorções para a construção de uma sociedade democrática. Na educação, essa perspectiva implica promover espaços de diálogo entre educadores e educandos, onde todos possam expressar suas opiniões e experiências. No entanto, o desafio reside na superação das assimetrias de poder presentes nas relações educacionais, garantindo que todas as vozes sejam ouvidas e valorizadas. A linguagem é a base da sociedade. Apenas através do discurso e do entendimento mútuo podemos alcançar uma verdadeira emancipação. O agir comunicativo possibilita interfaces educacionais que possibilitam a construção de pontes dialógicas,

desta forma, possibilitar uma forte e desafiadora interações entre o agir comunicativo e a educação.

Quando os pais querem educar os seus filhos, quando as gerações que vivem hoje querem se apropriar do saber transmitido pelas gerações passadas, quando os indivíduos e os grupos querem cooperar entre si, isto é, viver pacificamente com o mínimo de emprego de força, são obrigados a agir comunicativamente. Existem funções sociais elementares que, para serem preenchidas, implicam necessariamente o agir comunicativo. Em nossos mundos da vida, compartilhados intersubjetivamente e que se sobrepõem uns aos outros, está instalado um amplo pano de fundo consensual, sem o qual a prática cotidiana não poderia funcionar de forma alguma (Habermas, 1993, p. 105).

A educação como formação para a autonomia: Habermas defende a educação como um processo de formação para a autonomia, no qual os indivíduos desenvolvem habilidades comunicativas e reflexivas que permitem participar ativamente da vida social. No entanto, a realidade educacional muitas vezes é marcada por modelos pedagógicos autoritários e conteúdos descontextualizados, limitando a formação dos sujeitos apenas ao acúmulo de conhecimento. O desafio é promover uma educação que estimule o pensamento crítico, a criatividade e a capacidade de agir de forma autônoma.

Destacamos, ainda, que no campo ético é necessário apontar os desafios dos tempos contemporâneos e suas pluralidades nos campos axiológicos e epistemológicos.

Com o pluralismo de normas (e os nossos tempos são tempos de pluralismo), as escolhas morais (e a consciência moral deixada em sua esteira) surgem-nos intrínseca e irreparavelmente ambivalentes. Os nossos são tempos de ambiguidade moral fortemente sentida. Estes tempos nos oferecem liberdade de escolha jamais gozada antes, mas também nos lançam em estado de incerteza que jamais foi tão angustiante. Ansiamos por guia no qual possamos confiar e sobre o qual possamos nos apoiar, de tal forma que de nossos ombros se possa retirar algo da assombrosa responsabilidade por nossas escolhas (Bauman, 1997, p. 35).

Essas ambiguidades revelam os inúmeros desafios para as práticas educacionais e nos apontam caminhos para reconstrução para implementar processos de aprendizagens que favoreçam o desenvolvimento integral da ser humano em todas as suas dimensões.

Os limites da educação na esfera pública: Habermas propõe a esfera pública como um espaço de debate e deliberação democrática. A educação desempenha um papel crucial nessa esfera ao promover a formação de cidadãos críticos e participativos.

No entanto, a realidade contemporânea apresenta desafios, como a influência dos meios de comunicação de massa e a polarização política, que muitas vezes limitam o espaço para o diálogo e a construção coletiva de consensos. É necessário repensar a educação para que ela possa efetivamente contribuir para a formação de uma esfera pública plural e inclusiva.

A teoria habermasiana oferece importantes contribuições para a compreensão da relação entre educação e sociedade democrática. No entanto, os desafios e limites na aplicação destes princípios nos possibilitam analisar criticamente suas interpretações. Desta forma, a práxis educativa possibilita novas e desafiantes interfaces comunicativas nos mais diversos campos de interações, sejam elas, culturais, sociais e da linguagem:

Como tradição cultural, a linguagem entra na ação comunicativa; pois, só as significações intersubjetivamente válidas e constantes, que se obtém da tradição, facultam orientações com reciprocidade, isto é, expectativas complementares do comportamento. Assim, a interação depende das comunicações, linguísticas que se tornaram familiares (Habermas, 1994, p. 31).

Analisando as ideias de Habermas (1994), percebemos o quanto elas dialogam com os desafios reais da educação que vivemos hoje, sobretudo no campo ético. Ao mostrar que a ação comunicativa favorece a uma abertura, que se dispõe a sinceridade e ao respeito, é o alicerce de uma sociedade democrática de fato. Desta forma, nos apresenta que, mais do que salas de aula tradicionais, precisamos criar ambientes onde estudantes e educadores possam dialogar, se reconhecer, compartilhar opiniões e aprender uns com os outros de maneira genuína.

A promoção da reflexão crítica, o incentivo a autonomia e valorizar a diversidade são tarefas urgentes e necessárias, especialmente diante das desigualdades e das relações de poder que, muitas vezes, silenciam vozes e dificultam a participação plena de todos.

Os sujeitos capazes de linguagem e ação só se constituem como indivíduos porque ao crescer como membros de uma particular comunidade de linguagem se introduzem no mundo da vida intersubjetivamente compartilhada. Nos processos comunicativos de formação se constituem e mantêm co-originariamente a identidade do indivíduo e do coletivo (Habermas, 1990, p. 151).

Habermas (1990) nos provoca a ir além do ensino de conteúdos: ele nos convida a formar pessoas que pensem por si mesmas, que questionem, que cooperem e que contribuam para uma convivência mais justa. Essas ideias, embora desafiadoras, apontam caminhos práticos: enfrentar desigualdades, incluir diferentes perspectivas e tornar a escola um espaço vivo de diálogo e construção coletiva. É nesse ambiente, pautado pelo respeito mútuo e pela busca conjunta de entendimento, que podemos realmente promover a emancipação e o desenvolvimento humano, formando cidadãos prontos para agir de forma crítica e ética no mundo.

4 HABERMAS E A POSSIBILIDADE DO RECONHECIMENTO E DA HERMENÊUTICA NO PROCESSO EDUCATIVO

Destacamos que Jürgen Habermas é um dos mais importantes filósofos contemporâneos, conhecido por sua teoria da ação comunicativa e sua defesa da democracia deliberativa. Em sua obra, ele argumenta que a comunicação é fundamental para a construção de uma sociedade democrática e justa.

A partir dessa perspectiva, Habermas propõe uma ideia de reconhecimento mútuo como uma forma de educar para a democracia e a justiça. Segundo ele, o reconhecimento é uma dimensão fundamental da comunicação, e consiste na recepção mútua da aprendizagem e dos direitos dos indivíduos.

A educação com reconhecimento implica em duas dimensões principais. A primeira é a educação para a reflexão crítica, que permite aos indivíduos analisar e questionar as estruturas sociais e as normas que regem a convivência humana. A segunda dimensão é a educação para a cooperação comunicativa, que busca promover o diálogo e o entendimento entre as pessoas.

Educar para o reconhecimento é uma forma de promover a igualdade e a justiça social, ao permitir que os indivíduos reconheçam suas diferenças e

sejam capazes de conviver em sociedade de forma protegida e colaborativa. Porém, é importante destacar que a educação para o reconhecimento não é algo que possa ser alcançado de forma imediata ou fácil. Ela exige um esforço constante de reflexão crítica e de diálogo, e requer o reconhecimento da diversidade e da pluralidade de perspectivas e identidades.

Além disso, a educação para o reconhecimento também precisa levar em conta as desigualdades e as opressões presentes na sociedade, e buscar formas de superá-las. Isso implica em reconhecer e enfrentar as estruturas de poder que perpetuam as desigualdades, e buscar formas de promover a inclusão e a justiça social.

Poderíamos afirmar que a teoria de Habermas (1994) sobre a possibilidade de educar com reconhecimento propõe uma forma de construir uma sociedade mais justa e democrática, através da valorização da comunicação, da reflexão crítica e do diálogo. Porém, para que essa educação seja efetiva, é preciso reconhecer a complexidade e as dificuldades envolvidas, e buscar formas concretas de promover a igualdade e a justiça social.

Como afirmamos, a teoria crítica é uma abordagem filosófica que busca compreender as formas de opressão presentes na sociedade e apontar caminhos para a emancipação dos indivíduos. Uma das áreas em que Habermas (1994) desenvolveu sua reflexão foi a educação, entendida como um caminho epistemológico capaz de proporcionar uma formação crítica e reflexiva aos indivíduos.

A educação deve ser entendida como um processo que envolve não apenas a transmissão de conhecimentos, mas também a formação de habilidades e atitudes críticas e reflexivas. Em outras palavras, a educação não deve se limitar a ensinar conteúdos, mas deve ser um caminho para a formação de sujeitos capazes de pensar de forma autônoma e questionadora.

Todo o conhecimento implica uma trajetória, uma progressão de um ponto ou estado A, designado por ignorância, para um ponto ou estado B, designado por saber. As formas de conhecimento distinguem-se pelo modo como caracterizam os dois pontos e a trajetória que conduz de um ao outro. Não há, pois, nem ignorância em geral nem saber em geral. Cada forma de conhecimento reconhece-se num certo tipo de saber a que contrapõe um certo

tipo de ignorância, a qual, por sua vez, é reconhecida como tal quando em confronto com esse tipo de saber.

Todo o saber é saber sobre uma certa ignorância e, vice-versa, toda a ignorância é ignorância de um certo saber.

O paradigma da modernidade comporta duas formas principais de conhecimento: o conhecimento-emancipação e o conhecimento-regulação. O conhecimento-emancipação é uma trajetória entre um estado de ignorância que designo por colonialismo e um estado de saber que designo por solidariedade. O conhecimento regulação é uma trajetória entre um estado de ignorância que designo por caos e um estado de saber que designo por ordem. Se o primeiro modelo de conhecimento progride do colonialismo para a solidariedade, o segundo progride do caos para a ordem. Nos termos do paradigma da modernidade, a vinculação recíproca entre o pilar da regulação e a pilar da emancipação implica que estes dois modelos de conhecimento se articulem em equilíbrio dinâmico. Isto significa que o poder cognitivo da ordem alimenta o poder cognitivo da solidariedade, e vice-versa (Santos, 2011. p. 78).

Analisando os aspectos inerentes aos processos educacionais é possível identificar o papel emancipatório que a educação pode favorecer. Para cumprir esse papel, neste sentido é necessário identificar três princípios fundamentais: a democracia, a autonomia e a racionalidade comunicativa.

A democracia refere-se à ideia de que a educação deve ser um processo participativo, no qual os alunos tenham voz e possam contribuir para o debate e a construção do conhecimento. A autonomia, por sua vez, diz respeito à capacidade dos indivíduos de agir de forma autônoma, ou seja, sem serem subjugados por opressões externas. Já a racionalidade comunicativa se relaciona à ideia de que a comunicação deve ser um processo livre e aberto, no qual os indivíduos podem expor suas ideias e argumentar de forma crítica e reflexiva.

Segundo Habermas (1994), uma educação que se baseia nesses três princípios pode proporcionar aos indivíduos uma formação crítica e reflexiva, capaz de capacitá-los para enfrentar as opressões presentes na sociedade. Ao compreender a realidade de forma autônoma e crítica, os indivíduos podem se tornar agentes de mudança e lutar por uma sociedade mais justa e igualitária.

O desafio de Habermas é encontrar uma solução para o tradicional problema do conflito entre razão situada e incondicionalidade. Por isso, ele vai tematizar na pragmática universal os pressupostos que podem levar à solução das

aporias inerentes tanto às abordagens universalistas transcendentais como às empíricas contextualistas.

A especificidade da razão comunicativa, como Habermas a entende, é que ela é, ao mesmo tempo, imanente, isto é, só encontrável em contextos concretos dos jogos de linguagem e instituições da vida humana, mas, por outro lado, transcendente, ou seja, é igualmente uma "ideia regulativa", na qual nos orientamos, quando criticamos nossa vida histórica.

Para Habermas, a razão comunicativa manifesta como ilusórios os dilemas articulados na tradição; em outras palavras, para ele, não temos mais que escolher entre Kant e Hegel, mas pensar a tensão entre incondicionalidade/ faticidade, transcendentalidade/empíria, universalidade/particularidade necessidade/contingência (Oliveira, 1996, p. 347).

Por isso, ressaltamos, para que a educação possa cumprir esse papel, é necessário que ela esteja inserida em um contexto social e político que valorize a democracia, a autonomia e a racionalidade comunicativa. Infelizmente, nem sempre é esse o caso, e muitas vezes a educação é utilizada como instrumento de reprodução das desigualdades sociais.

Assim, para que a educação possa ser um caminho epistemológico capaz de proporcionar uma formação crítica e reflexiva aos indivíduos, é necessário que ela esteja pautada pelos princípios defendidos por Habermas (1994) e que seja inserida em um contexto social e político que valorize esses princípios. Só assim podemos formar sujeitos capazes de pensar de forma autônoma e questionadora, e que podem lutar por uma sociedade mais justa e igualitária.

5 SOBRE HUSSERL E HABERMAS A EDUCAÇÃO EM VALORES E PROCESSOS COMUNICATIVOS

Edmund Husserl e Jürgen Habermas são filósofos que influenciaram significativamente a forma como pensam sobre a educação em valores e os processos comunicativos. Enquanto Husserl (2022) se concentrou na importância da fenomenologia para entender a experiência humana, Habermas destacou a importância da linguagem e da comunicação para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Husserl (2020), o fundador da fenomenologia, foi um filósofo alemão do século XIX que acreditava que a verdadeira compreensão da realidade só

poderia ser alcançada através da observação cuidadosa e reflexão sobre as experiências pessoais. Para Husserl, a filosofia deveria estar voltada para o estudo dos fenômenos e da consciência, buscando entender como as pessoas experimentam o mundo ao seu redor.

No contexto da educação em valores, a fenomenologia de Husserl (2020) pode ser útil para entender como os valores são experimentados e compreendidos pelos indivíduos. Por exemplo, ao estudar a experiência de alguém que valoriza a honestidade, podemos aprender sobre a importância que essa pessoa atribui à transparência e à sinceridade em suas relações interpessoais. Ao mesmo tempo, Husserl enfatiza a importância da reflexão e do pensamento crítico para a compreensão da realidade, o que pode ser aplicado na educação em valores para ajudar os alunos a examinar suas próprias crenças e valores e compreender as perspectivas dos outros.

É a esfera do próprio conhecer, que permanece não (sendo] afetada por essa medida - desse modo se fala, pelo menos, na Ideia. Husserl quer saber do vasto perímetro do conhecer - exatamente como o reino das *cogitationes* de Descartes -, de maneira que, por exemplo, o perceber, o recordar, e o imaginar pertencem a ele. A esfera recentemente obtida da imanência é um universo de "objetos subjetivos", que se deve à reflexão sobre a essência própria do conhecimento. Nele, a indubitabilidade e a clareza dominam - como no reino da consciência em Descartes. Mas, ao mesmo tempo, nele domina, de modo não cartesiano, uma tal correspondência imediata do ser dado e do ser, que o novo conhecimento buscado sobre o conhecer pode encontrar satisfatoriamente nele - o que, segundo Descartes, seria impossível. Desde o início, o recurso de Husserl a Descartes, o qual ele nunca abandonou, tem, portanto, um efeito esclarecedor e ocultador (Husserl, 2020, p. 31).

Por sua vez, Habermas (1994), desenvolveu uma teoria crítica da sociedade, que se concentra na importância da linguagem e da comunicação para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. A teoria habermasiana, o diálogo e a comunicação são fundamentais para a construção de uma sociedade democrática e pluralista. Destaca-se aqui a ação comunicativa, que propõe que a interação social se baseia em dois tipos de ação: a ação estratégica, onde o indivíduo busca alcançar seus próprios objetivos, e a ação comunicativa, onde os indivíduos buscam o entendimento mútuo através do diálogo e da argumentação. A ação comunicativa é

fundamental para a formação de consenso e para a construção de uma sociedade mais justa e democrática, favorecendo interfaces e possibilidades de consensos.

Na educação em valores, a teoria crítica de Habermas pode ser aplicada para incentivar o diálogo e a discussão aberta entre os alunos, promovendo a compreensão mútua e a tolerância. Além disso, Habermas destaca a importância da comunicação como forma de superar as barreiras entre grupos sociais e promover a inclusão social.

Tanto Husserl quanto Habermas reconhecem a importância da reflexão e do pensamento crítico na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Enquanto Husserl se concentra na experiência pessoal como ponto de partida para a compreensão da realidade, Habermas enfatiza a importância da comunicação e do diálogo para a construção de uma sociedade pluralista e democrática.

Na educação em valores, é importante considerar tanto a fenomenologia de Husserl quanto a teoria crítica de Habermas. Ao promover a reflexão e o pensamento crítico, bem como o diálogo aberto e a comunicação efetiva, podemos ajudar a criar uma sociedade mais justa e igualitária.

6 HABERMAS E COMUNICAÇÃO UM DESAFIO AO PROCESSO EDUCATIVO

A ação comunicativa é uma forma de interação humana que se baseia na troca de informações e na busca por consenso. Esse tipo de ação é fundamental para a educação, pois permite que as pessoas aprendam umas com as outras, dialoguem e desenvolvam suas habilidades e conhecimentos.

Na educação, a ação comunicativa pode ser vista como um caminho de reconhecimento e libertação, uma vez que permite que os indivíduos compreendam sua posição na sociedade, bloqueando as limitações impostas por ela e busquem formas de superá-las. Essa compreensão é essencial para que os indivíduos possam agir de forma consciente e transformar sua realidade.

Ao se comunicarem e dialogarem, os indivíduos podem reconhecer e confrontar as diferenças e diversidades presentes em sua sociedade, superando preconceitos e construindo relações mais igualitárias e respeitadas. Além disso,

uma ação comunicativa também pode contribuir para a construção de uma cultura de paz e diálogo, tão necessária em tempos de polarização e conflito.

Na prática educativa, é importante que os educadores utilizem uma ação comunicativa de forma consciente e intencional, buscando criar espaços de diálogo e reflexão. Isso implica em escutar os estudantes e suas vivências, promover a troca de ideias e opiniões, estimular a criatividade e o pensamento crítico, e incentivar a busca por soluções conjuntas para os desafios enfrentados.

Dessa forma, a ação comunicativa pode ser um caminho para a construção de uma educação mais participativa, democrática e emancipatória, que reconhece a importância da diversidade, valoriza o diálogo e busca a transformação social. É preciso, portanto, que a educação seja vista como uma ferramenta para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, e que a ação comunicativa seja valorizada como uma forma de alcançar esse objetivo.

Jürgen Habermas desenvolveu uma teoria da comunicação como um meio de alcançar a compreensão mútua e a cooperação entre os indivíduos. Em sua teoria, Habermas enfatiza a importância da comunicação como uma forma de superar as barreiras entre as diferentes perspectivas e interesses dos indivíduos e de construir um consenso em torno de questões de interesse público.

No contexto educativo, a teoria de Habermas pode ser aplicada como um desafio ao processo educativo tradicional, que muitas vezes enfatiza a transmissão unidirecional de conhecimento do professor para o aluno. Ao contrário, a teoria de Habermas sugere que a educação deve ser vista como um processo de comunicação entre os alunos e o professor, onde todos os envolvidos têm a oportunidade de expressar suas perspectivas e opiniões e de construir um entendimento compartilhado.

Nessa perspectiva, o papel do professor não é apenas o de transmissor de informações, mas também o de facilitador da comunicação e do diálogo entre os alunos. Isso requer uma mudança na forma como os professores são formados e treinados, bem como na estrutura e organização das instituições educacionais.

Além disso, a teoria de Habermas destaca a importância da linguagem e do discurso na construção de uma sociedade democrática e justa. Por meio da comunicação e do diálogo, os indivíduos podem chegar a um consenso sobre

questões importantes e tomar decisões coletivas de forma participativa e democrática. Portanto, a educação também deve preparar os alunos para se engajarem na formação crítica e reflexiva nas questões sociais e políticas, desenvolvendo habilidades comunicativas e argumentativas.

A teoria da comunicação de Habermas oferece um desafio importante ao processo educativo tradicional, ao enfatizar a importância da comunicação e do diálogo como meios de alcançar a compreensão mútua e a cooperação entre os indivíduos. Isso requer uma mudança na forma como os professores são formados e treinados, bem como na estrutura e organização das instituições educacionais. Além disso, a teoria destaca a importância da linguagem e do discurso na construção de uma sociedade democrática e justa, o que deve ser refletido no currículo e nas práticas pedagógicas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que a hermenêutica e epistemologia são caminhos pedagógicos que podem contribuir na educação em valores é plausível identificar alguns aportes teóricos e práticas que nos auxiliem neste debate, possibilitando novos e desafiadores olhares para o campo pedagógico.

A hermenêutica e a epistemologia são dois campos de estudo que podem oferecer contribuições importantes para a educação e a formação de valores. A hermenêutica é uma disciplina que se preocupa com a interpretação de textos e a compreensão de seu significado. A epistemologia, por sua vez, é a área da filosofia que se dedica a investigar o conhecimento humano e seus limites.

Em relação à educação, a hermenêutica pode ajudar os educadores a entender e interpretar textos que podem ser importantes para a formação de valores dos estudantes. Por exemplo, ao ensinar sobre ética, pode ser útil analisar textos clássicos que tratam desse assunto, como as obras de Aristóteles e Platão. Através da interpretação desses textos, os educadores podem ajudar os alunos a compreender melhor o significado da ética e sua importância na vida.

Já a epistemologia pode contribuir para a educação ao ajudar os estudantes a desenvolverem um senso crítico em relação ao conhecimento. Ao compreender os limites do conhecimento humano e as diferentes teorias que

tentam explicar o mundo, os alunos podem aprender a questionar e avaliar as informações que recebem, em vez de aceitá-las acriticamente.

Além disso, a hermenêutica e a epistemologia também podem ser aplicadas como caminhos pedagógicos para a educação em valores. Por exemplo, ao utilizar a hermenêutica como método de ensino, os educadores podem incentivar os alunos a interpretar e refletirem sobre diferentes textos que abordam valores importantes, como a justiça, a solidariedade e o respeito. Já a epistemologia pode ser utilizada como uma ferramenta para incentivar o pensamento crítico e a análise de diferentes teorias e perspectivas em relação aos valores.

Por fim, é importante destacar que a educação em valores é fundamental para a formação de cidadãos conscientes e responsáveis. Ao utilizar a hermenêutica e a epistemologia como caminhos pedagógicos, os pais podem contribuir para o desenvolvimento de estudantes críticos, reflexivos e comprometidos com a construção nossas relações e desafiante posturas.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Ética pós-moderna*. Tradução: João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1997.

OLIVEIRA, Manfredo A. *Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea*. São Paulo: Loyola, 1996.

HABERMAS, Jürgen. *Dialética e Hermenêutica: para uma crítica da hermenêutica de Gadamer*. Tradução: Álvaro Valls. Porto Alegre: L&PM, 1987.

HABERMAS, Jürgen. *Passado como futuro*. Tradução: Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

HABERMAS, Jürgen. *Técnica e ciência como ideologia*. Lisboa: Dom Quixote, 1994.

HUSSERL, Edmund. *Psicologia fenomenológica e fenomenologia Transcendental: textos selecionados (1927-1935)*. Petrópolis: Vozes, 2022. (Coleção Pensamento Humano).

HUSSERL, Edmund. *A ideia da fenomenologia: cinco lições*. Petrópolis: Vozes, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a apolítica na tradição paradigmática*. v. I. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

DADOS DOS AUTORES

Sandro Roberto de Santana Gomes

Graduado em Filosofia e Teologia (licenciatura). Licenciatura em Pedagogia. Pós-Graduado em Metodologia do ERE. Mestrado em Ciências da Religião. Doutor em Educação pela Universidade Federal de Alagoas. Atualmente trabalha na Supervisão Pedagógica do Colégio Damas do Recife e na Faculdade Damas como professores de Teologia. Desenvolveu sua pesquisa na área de Teologia e Ciências da Religião, com ênfase em "Saúde e Salvação: o sagrado nas palavras das rezadeiras". Atua na área de pastoral como assessor para os mais diferentes grupos comunitários, especialmente, na área catequética.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-1183-0928>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8891059479947309>

E-mail: srobertogomes68@gmail.com

Francisco Rodrigues Macedo

Graduado e licenciado em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco. Bacharel em Teologia Católica pelo Centro Internacional Universitário. Graduado em Pedagogia pelo Centro Universitário – UNBF. Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Alagoas. Atualmente é professor da prefeitura de São José da Coroa Grande. Professor do Colégio Damas da Instrução Cristã. Atua nas áreas de Filosofia, Educação e Infância.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1925-998X>

Lattes: https://wwws.cnpq.br/cvlattesweb/PKG_MENU.menu?f_cod=C81C52937207FF50DD04D52DE8F43DDD#

E-mail: francisco.rodriques@colegiodamas.com.br